



14 DE MAIO DE 2015

Quinta-feira

- GREVE NA VOLVO ENTRA NO QUARTO DIA COM PROTESTOS DOS TRABALHADORES
- ZF ADQUIRE ÁREA DE TRANSMISSÕES INDUSTRIAIS DA REXROTH
- PSILLAKIS SERÁ PRESIDENTE E CEO DA MERCEDES COREIA
- MERCEDES CRESCE MAIS DE 30% NO 1º QUADRIMESTRE
- RANDON VÊ LUCRO ENCOLHER 99% NO 1º TRIMESTRE
- KRÜGER ASSUME O COMANDO DO GRUPO BMW
- TOYOTA E MAZDA FIRMAM PARCERIA DE LONGO PRAZO
- AGRALE QUER ATRAIR FORNECEDORES PARA FÁBRICA DO ESPÍRITO SANTO
- GM FAZ CORTES NA FÁBRICA DE SÃO CAETANO DO SUL
- NISSAN: LUCRO LÍQUIDO CRESCE 23,5% NO ANO FISCAL 2014
- FORD FOCUS TERÁ FRENAGEM AUTOMÁTICA
- FINANCIAMENTO DE VEÍCULOS RECUOU EM 2015
- BANDEIRA TARIFÁRIA ELEVA PARA R\$ 2,4 BI GASTO COM ENERGIA
- PIB BRASILEIRO RECUOU 0,27% NO 1º TRIMESTRE, ESTIMA FGV
- CÂMARA APROVA MUDANÇA NO FATOR PREVIDENCIÁRIO
- EM MANIFESTO, INDÚSTRIA CRITICA ATRASO DA PAUTA MACROECONÔMICA DO PAÍS
- 5 SINAIS DE QUE A RECESSÃO AINDA NÃO ACABOU
- MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS FECHA 1º TRIMESTRE EM ALTA
- VENDAS DO COMÉRCIO CAEM 0,8% NO PRIMEIRO TRIMESTRE, O PIOR DESDE 2003
- O NOVO CALENDÁRIO DA CRISE
- VENDAS NO VAREJO CAEM 0,9% EM MARÇO E FECHAM 1º TRI COM PIOR

RESULTADO EM 12 ANOS

- BANCO DO BRASIL TEM LUCRO DE R\$ 5,8 BILHÕES NO PRIMEIRO TRIMESTRE
- FIASCO DA PÁTRIA EDUCADORA
- NA CONTRAMÃO DO SETOR, MERCADO DE CARROS DE LUXO CRESCE 18% NO ANO
- ANEEL APROVA EDITAL DE LEILÃO DE TERMELÉTRICAS MOVIDAS A GÁS
- ONDA DE DEMISSÕES NO SETOR AUTOMOTIVO CHEGA AO SUL DE MINAS
- MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES CRIA FÓRUM PARA DISCUSSÃO DE TRANSPORTE RODOVIÁRIO DE CARGAS
- VOLUME DE VENDAS RECUA 1,4% NO PARANÁ EM MARÇO
- MOMENTO NA ECONOMIA É DE CAUTELA, MAS NÃO DE PARALISAÇÃO
- RENAULT CACIA EM GREVE POR AUMENTOS SALARIAIS QUE A EMPRESA DIZ TER ACORDADO
- A INFLAÇÃO E OS JUROS

CÂMBIO		
EM 14/05/2015		
	Compra	Venda
Dólar	2,993	2,994
Euro	3,403	3,404

Fonte: BACEN

Greve na Volvo entra no quarto dia com protestos dos trabalhadores

14/05/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

Trabalhadores da Volvo que não participaram da votação da proposta feita pela montadora protestaram na manhã desta quarta-feira (13) em frente à sede da empresa, na Cidade Industrial de Curitiba.

Segundo a companhia, o Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba (SMC) bloqueou a Av. Juscelino Kubitschek que dá acesso à fábrica, impedindo a entrada de trabalhadores administrativos que foram à empresa para trabalhar.

Além disso, a Volvo reclama que eles não puderam participar da votação da proposta salarial, restrita apenas os trabalhadores sindicalizados, que recusaram a proposta e decidiram pela continuidade da greve.

Em protesto contra a ação do sindicato, cerca de mil funcionários da montadora fizeram uma caminhada pela Rua Eduardo Sprada até a associação dos trabalhadores da empresa, também fechada pela entidade.

De acordo com o sindicato, a empresa tenta impor a votação de trabalhadores terceirizados e dos funcionários da área administrativa, que não seriam afetados pelo risco de demissões e redução dos direitos.

"Não tem como botar para votar um engenheiro ou um técnico em contabilidade que não são associados ao Sindicato e que não estão no pacote de demissões para votar uma proposta que vai atingir somente o chão de fábrica", disse o presidente do sindicato, Sérgio Butka, em depoimento no site da entidade.

A empresa, por sua vez, alega que todos os funcionários serão afetados e não apenas os trabalhadores do chão da fábrica. "A Volvo foi obrigada a eliminar o segundo turno em decorrência da queda das vendas registradas pelo setor. Vamos manter todos os funcionários até o dia 31 de dezembro.

A proposta da Volvo não é de demissão, mas de manutenção do emprego", informou a empresa via assessoria de imprensa.

Todas as entradas da companhia estão bloqueadas pelo sindicato e aproximadamente 4.200 trabalhadores administrativos e do chão de fábrica estão parados.

Proposta

Após anunciar o fechamento do segundo turno da fábrica de caminhões em função da baixa demanda do setor, que gerou um excedente de 600 funcionários, a Volvo fez uma proposta que antecipa o debate da data-base da categoria, que ocorre somente em setembro.

A companhia prometeu não realizar demissões até o fim do ano, em troca de um reajuste que recomponha somente a inflação, sem ganho real, e um PLR de R\$ 15 mil, metade do concedido no ano passado.

Os trabalhadores, por sua vez, entraram em greve por entender que a empresa não cumpriu um acordo de construir junto com o Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Curitiba (SMC) uma solução para o excedente de pessoal.

ZF adquire área de transmissões industriais da Rexroth

14/05/2015 - Fonte: Usinagem Brasil

A ZF Friedrichshafen AG assumirá o negócio de transmissões de grande porte da Bosch Rexroth AG. Com a aquisição, a companhia ingressa nos negócios de transmissões industriais que são utilizadas em plataformas de petróleo, veículos de mineração, máquinas de perfuração de túneis, teleféricos, entre outros.

Além disso, fortalece seus negócios de transmissões para turbinas de energia eólica. O acordo de aquisição foi assinado no dia 13 de maio de 2015.

"O fortalecimento de nossa atuação no segmento não automotivo é um objetivo importante da estratégia corporativa de longo prazo", afirmou Stefan Sommer, CEO da ZF. "A aquisição dos Negócios de Transmissões Industriais e de Turbinas para Energia Eólica da Bosch Rexroth é um excelente complemento ao nosso portfólio de produtos de Tecnologia Industrial e abre novos grupos de clientes."

Segundo o comunicado de imprensa, a Bosch Rexroth faturou cerca de 300 milhões de euros com o negócio de transmissões de grande porte em 2014. No mesmo ano, 12% das vendas do Grupo ZF foram geradas através da Divisão de Tecnologia Industrial, derivadas das atividades fora de estrada. A expectativa é de aumento deste share a longo prazo.

A ZF está adquirindo as duas plantas de produção da Bosch Rexroth AG, uma localizada em Witten, na Alemanha, com cerca de 900 colaboradores, e a outra em Pequim (China), com mais de 300 empregados, além do escritório de serviços situado em Lake Zurich(EUA).

A principal planta, localizada em Witten, além da produção, reúne os setores administrativo, de desenvolvimento e vendas das tecnologias de transmissões de grande porte (transmissões industriais e de turbinas para energia eólica). Em Pequim, a Bosch Rexroth produz exclusivamente transmissões para turbinas de energia eólica.

As duas empresas concordaram em não divulgar o valor da transação. A aquisição está sujeita a aprovação das autoridades antitruste.

Psillakis será presidente e CEO da Mercedes Coreia

14/05/2015 - Fonte: Automotive Business



O atual diretor-geral de automóveis da Mercedes-Benz do Brasil, Dimitris Psillakis, assumirá no segundo semestre o cargo de presidente e CEO da montadora na Coreia do Sul. A montadora divulgou a informação poucas horas depois de o executivo ter concedido entrevista coletiva, no dia 13.

A Mercedes ainda não revela quem ocupará o seu cargo no Brasil. Psillakis tem 49 anos e veio ao Brasil no fim da década passada, trazendo consigo a operação da marca Smart no Brasil.

Mercedes cresce mais de 30% no 1º quadrimestre

14/05/2015 - Fonte: Automotive Business



A Mercedes-Benz comemora a venda de mais de 4,2 mil automóveis no primeiro quadrimestre de 2015, registrando alta de 31% sobre o mesmo período do ano passado. Só em abril foram quase 2 mil carros emplacados, 62% acima do registrado em igual mês

de 2014. O resultado é devido principalmente aos bons números do Classe C e do GLA, que serão montados no Brasil em 2016.

O GLA foi lançado em setembro de 2014, ganhou novas versões em abril e é a aposta da Mercedes para ultrapassar Audi (5 mil unidades de janeiro a abril) e BMW (4,7 mil) e tornar-se a número 1 entre as marcas de luxo: "Será em 2016.

Há pouco tempo não tínhamos um utilitário esportivo pequeno para concorrer com o BMW X1 e o Audi Q3", recorda o diretor-geral de automóveis, Dimitris Psillakis, referindo-se ao GLA.

"Até o fim deste ano, o GLA terá volume de venda semelhante ao do Classe C", calcula o executivo, que no segundo semestre será o presidente e CEO da Mercedes na Coreia do Sul. A aposta de Psillakis no crescimento vem também da ampliação do número de revendas, que de 2012 até agora saltou de 34 para 47 e no fim deste ano passará das 55.

A marca estará em novas cidades e algumas praças terão um segundo ponto de venda. Só no Estado de São Paulo haverá 21 lojas até o fim do ano, 11 delas na capital.

A ampliação é necessária para absorver a produção em Iracemápolis (SP), que começa em fevereiro de 2016 com o Classe C.

"A montagem local do GLA terá início no segundo semestre do ano que vem", afirma Psillakis.

A ampliação dos pontos de venda vem acompanhada de uma nova aparência para as concessionárias. O azul dará lugar ao preto e muda também a tipologia (desenho das letras) como forma de rejuvenescer a marca.

Outro ponto destacado pelo diretor-geral são os planos fechados de manutenção de dois a cinco anos: "Nestes primeiros quatro meses, considerando os modelos de maior volume, 24% dos compradores adquiriram pacotes desse tipo", afirma Psillakis.

SETE LANÇAMENTOS ATÉ O FIM DE 2015

Os lançamentos também serão utilizados como forma de ampliar as vendas da Mercedes-Benz. "Com a chegada no fim do ano do novo GLK, nenhum produto terá mais de dois anos", afirma o diretor-geral. Ainda em 2015 haverá sete novos modelos.

Três deles serão lançados na próxima semana: C63 AMG, S63 cupê e AMG GT. Este último custará R\$ 855 mil. Os outros preços ainda não foram informados. O C63, mais acessível dos três, deve ter tabela acima dos R\$ 500 mil.

Sobre a fábrica de Iracemápolis, o executivo informou que ainda há tratativas com fornecedores de componentes e admitiu que a produção usará carrocerias já pintadas e importadas num primeiro momento.

Psillakis chamou de "erro" o fato de ainda não haver um motor Mercedes flex, mas também não disse quando eles chegam. Revela apenas que o primeiro será 1.6.

Randon vê lucro encolher 99% no 1º trimestre

14/05/2015 - Fonte: Automotive Business



A crise acentuada no segmento de veículos comerciais pesados acertou em cheio o desempenho das Empresas Randon no primeiro trimestre, grupo que viu seu lucro encolher 99,1% na comparação com igual período do ano passado: o valor passou de R\$ 62,2 milhões há um ano para os atuais R\$ 557 mil, informa em dados divulgados na quarta-feira, 13.

Os dados consolidados refletem claramente a queda da produção de caminhões em mais de 36% e o tombo de 50% no segmento de implementos rodoviários, levando a companhia gaúcha a um faturamento líquido 28% menor no comparativo anual, para R\$ 696,8 milhões.

O Ebitda consolidado atingiu R\$ 51 milhões no primeiro trimestre, com margem de 7,3%, representando uma queda de 8,3 pontos percentuais com relação os três primeiros meses de 2014.

No faturamento bruto, fechado em R\$ 994,7 milhões, houve queda de 31,6% sobre o valor registrado no primeiro trimestre do ano passado, quando a empresa faturou R\$ 1,4 milhão.

Neste ano, os ganhos do mercado interno despencaram, puxando o desempenho para baixo, com queda de 34%, para R\$ 878,2 milhões, enquanto o mercado externo apresentou retração bem abaixo, de 7,4%, para R\$ 116,4 milhões (ou US\$ 39,7 milhões).

Em comunicado, a empresa reforça os fatores que adicionalmente contribuíram para os resultados, citando os quadros econômicos instáveis com retração dos investimentos, repercutindo, negativamente, em todos os setores da economia.

Além disso, a Randon argumenta que o aumento da inflação, queda no PIB, aumento da carga tributária e das taxas de juros também pesaram no cenário negativo. Para se adequar à baixa demanda, a empresa optou por reduzir sua estrutura, aprovou paradas programadas e mantém processo de redução das jornadas de suas fábricas entre abril a junho, além das iniciativas de redução de custo.

“Para este ano, estamos enfrentando com coragem os novos desafios que surgem, em meio ao cenário de incertezas, sabendo que fica cada vez mais evidente que é preciso prosseguir na busca pela eficiência operacional ajustando-se à conjuntura”, disse o diretor financeiro e de relações com investidores, Geraldo Santa Catharina, que analisa com cautela os possíveis sinais de melhora de mercado tanto no nível de confiança e, em decorrência, nos negócios.

Por segmentos de atuação do grupo, a produção de implementos rodoviários ficou 50% menor no trimestre, para pouco mais de 7,5 mil unidades, volume que conferiu participação de 23,9% da Randon neste mercado, 1,7 ponto percentual abaixo do market share verificado há um ano.

Sem revelar o volume, a empresa confirma que há acúmulo de estoque, apesar da diminuição da produção e adequação do número de funcionários.

Sem citar números do setor de autopeças, a companhia ressalta que suas empresas adotaram o plano denominado Field Force, que envolve ações de diluição de custos e incremento das sinergias a fim de expandir sua participação no mercado de reposição.

Vale lembrar que a Fras-le, fabricante de componentes de fricção das Empresas Randon, elevou seu lucro líquido a partir da estratégia de corte de custos e foco nas operações do exterior

Por sua vez, as exportações totalizaram US\$ 39,7 milhões, queda de 25% com relação ao mesmo trimestre de 2014, representando 16,7% do faturamento líquido contra 13% no mesmo período de 2014, aumentando consideravelmente sua importância dentro dos resultados da empresa diante de um mercado interno fragilizado.

Nas operações instaladas no exterior, a receita bruta total ficou em US\$ 33,2 milhões contra os US\$ 27,1 milhões registrados há um ano. Somadas, as exportações e as receitas geradas pelas unidades no exterior alcançaram no US\$ 72,9 milhões no trimestre contra US\$ 80,1 milhões de iguais meses do ano passado.

Na contramão, o segmento de vagões se mantém nos trilhos do crescimento: a Randon já contabiliza a carteira formada para 2015. Durante o primeiro trimestre, foram produzidas 404 unidades, 31% a mais do que no início do ano passado.

O avanço nas vendas e diferenciação no mix de produtos para os próximos trimestres devem aumentar a participação deste segmento nas receitas.

Para este ano, a Randon divulga ao mercado financeiro suas projeções, estimando faturamento bruto total de R\$ 4,4 bilhões, com receita líquida consolidada em R\$ 3,2 bilhões. Os investimentos previstos não devem passar de R\$ 120 milhões. Já a receita no exterior deve chegar a US\$ 300 milhões, e importações, US\$ 80 milhões.

Krüger assume o comando do Grupo BMW

14/05/2015 - Fonte: Automotive Business



Harald Krüger assumiu oficialmente a presidência do conselho de administração do Grupo BMW, no ocupado desde 2006 por Norbert Reithofer, que seguirá na empresa agora como presidente do conselho de supervisão.

As mudanças já tinham sido anunciadas em março e na quarta-feira, 13, foram referendadas durante a reunião anual de acionistas da companhia.

O engenheiro Krüger trabalha no Grupo BMW desde 1992 e assumiu um assento no board de diretores em dezembro de 2008, primeiro como responsável por recursos humanos.

Depois, em 2012, assumiu no conselho a responsabilidade pelas marcas Mini, Motorrad e Rolls-Royce e pelo pós-vendas, até ser indicado, em 2013, para comandar as operações de manufatura.

Este lugar no conselho deixado por Krüger já foi preenchido por Oliver Zipse, que começou sua carreira na BMW em 1991 como um trainee e, mais recentemente, era vice-presidente sênior de planejamento corporativo e estratégia de produto do grupo alemão.

Já Reithofer está na companhia desde 1987 e há 15 anos vinha assumindo diversas responsabilidades no board até chegar à presidência em setembro de 2006. Agora no comando do conselho de supervisão, ele entra no lugar deixado por Joachim Milberg, que se aposenta após 22 anos na BMW, onde sempre ocupou postos nos conselhos de administração e supervisão.

Milberg continuará a manter laços com a companhia, que planeja colocá-lo à frente de atividade globais relacionadas a responsabilidade social corporativa e fundações de caridade.

Toyota e Mazda firmam parceria de longo prazo

14/05/2015 - Fonte: Automotive Business



A Toyota Motor Corporation e a Mazda Motor Corporation entraram hoje em acordo para criar parceria global de longo prazo. As empresas afirmaram em nota que aproveitarão os recursos para complementar e melhorar os produtos e tecnologias de ambas, com objetivo de terem carros mais atraentes e que atendam todos os mercados.

O comitê misto com membros das duas companhias avaliará a melhor forma de unir os pontos fortes das montadoras, incentivando a colaboração no maior número de áreas possível.

Akio Toyoda, presidente da Toyota, celebra a parceria com a marca conterrânea. "O design e tecnologia evidenciam que a Mazda pensa no futuro enquanto permanece fiel às suas raízes.

Desta forma, a companhia pratica o que a Toyota acredita: fazer carros cada vez melhores. Estou muito contente que as duas empresas possam compartilhar a mesma visão e trabalhar juntas", comemora o executivo.

O presidente e CEO da Mazda, Masamichi Kogai, ressalta a preocupação da Toyota com sustentabilidade. "A Toyota é uma empresa que tem mostrado determinação em agir responsabilmente em questões ambientais globais e para o futuro da indústria como um todo. Eu também tenho um enorme respeito pela dedicação da Toyota em sua busca de ter carros cada vez melhores através da inovação contínua", analisa.

Uma antiga colaboração entre as duas montadoras japonesas previa o licenciamento de tecnologias híbridas da Toyota para a Mazda, que usou sua fábrica mexicana para fazer carros compactos para a parceira.

As duas companhias reconhecem que há uma sobreposição considerável entre a filosofia corporativa da Mazda de trazer diversão aos clientes através dos carros e o compromisso da Toyota para se aprimorar e fabricar veículos cada vez melhores e sua dedicação às reformas estruturais para aumentar a competitividade.

Este acordo irá além da tradicional cooperação entre duas montadoras, criando um novo conjunto de valores para os carros através de um termo de colaboração de médio a longo prazo.

Agrale quer atrair fornecedores para fábrica do Espírito Santo

14/05/2015 - Fonte: Automotive Business

A Agrale promove na quinta-feira, 14, encontro de com potenciais fornecedores na Federação das Indústrias do Estado do Espírito Santo, em Vitória. O objetivo, segundo nota da fabricante gaúcha de caminhões e ônibus, é localizar com logística e custos competitivos compras de componentes e serviços no próprio Estado ou nos vizinhos Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, para abastecer a fábrica de São Mateus, que deve ficar pronta em 2016.

“Queremos criar oportunidade para que as empresas dos segmentos automotivo e de serviços logísticos, próximas à unidade, apresentem seus portfólios”, explica Edson Martins, diretor de suprimentos da Agrale.

Localizada no bairro São Benedito, na cidade de São Mateus, em terreno de cerca de 400 mil metros quadrados, a nova fábrica terá inicialmente 20 mil metros quadrados de área construída e uma pista para teste e desenvolvimento de veículos, com investimentos de cerca de R\$ 40 milhões até a execução total do projeto.

O início da operação está previsto para o segundo semestre de 2016, com a produção de toda a linha de produtos da Agrale. Em uma primeira fase, a planta deverá empregar aproximadamente 200 colaboradores diretos.

A nova unidade de São Mateus será a quinta fábrica da Agrale e se somará às três no Brasil, em Caxias do Sul (RS), e uma na Argentina, na província de Buenos Aires. A Agrale S.A. e suas subsidiárias fazem parte do Grupo Stedile, que conta com 3,6 mil empregados diretos.

GM faz cortes na fábrica de São Caetano do Sul

14/05/2015 - Fonte: Automotive Business

A General Motors dá sinais de ter esgotado os recursos para desacelerar a produção e começa a fazer demissões. O Sindicato dos Metalúrgicos de São Caetano do Sul aponta que a companhia cortou 150 vagas na planta do ABC paulista desde a sexta-feira, 8. Em resposta à medida, a entidade organizou paralisação na terça-feira, 12, com interrupção da jornada por duas horas.

A mobilização teve o objetivo de alertar a empresa sobre o descontentamento dos trabalhadores. Segundo o sindicato, a GM teria apontado que as demissões são necessárias por causa da queda na fabricação de veículos.

Com o mercado contraído, entre janeiro e abril deste ano as montadoras instaladas no Brasil produziram 17,5% menos do que no mesmo período do ano passado, com 881,7 mil unidades de acordo com dados da Anfavea.

Em comunicado a General Motors assegura que o corte faz parte da "rotatividade de pessoas natural da empresa", sem indicar qualquer excedente de produção. Ainda assim, a companhia tem adotado medidas para frear o ritmo da fábrica.

No último dia 5 de maio foi anunciado afastamento de 467 funcionários em São Caetano com licença remunerada por tempo indeterminado.

GRAVATAÍ

A fabricante também enfrenta paralisação na fábrica de Gravataí (RS), onde as atividades estão interrompidas desde a terça-feira, 12.

A empresa atribui a parada a interrupção das atividades das transportadoras Tegma e Transzero, responsáveis pela logística de retirada dos carros da planta e transporte para a rede de distribuição.

As empresas, no entanto, asseguram que a parada foi causada pelo Sintravers, Sindicato dos Cegonheiros do Rio Grande do Sul. A entidade teria decretado estado de greve e impedido as empresas de operar no complexo industrial.

Em defesa do interesse de prestadores de serviços da região, a organização pleiteia reajuste maior no valor do frete pago pela montadora.

A General Motors calcula que, com a interrupção das atividades em Gravataí, a planta já deixou de fabricar 1,9 mil veículos e os cerca de 9 mil funcionários do complexo industrial estão impossibilitados de trabalhar.

A unidade é responsável pela fabricação dos Chevrolet Onix, Prisma e Celta, os três carros mais vendidos pela companhia no Brasil. No primeiro quadrimestre do ano estes modelos responderam por 53% do total de emplacamentos da GM.

Nissan: lucro líquido cresce 23,5% no ano fiscal 2014

14/05/2015 - Fonte: Automotive Business



A Nissan reportou bons resultados no encerramento do ano fiscal 2014, que começou em 1º de abril do ano passado e fechou em 31 de março de 2015: a montadora apurou lucro líquido 23,5% maior, para o equivalente a US\$ 4,2 bilhões, contra os US\$ 3,4 bilhões do ano fiscal imediatamente anterior.

Com US\$ 5,4 bilhões, o lucro operacional subiu 25,5% na mesma base de comparação, com uma margem de 5,2% do faturamento líquido, que por sua vez alcançou US\$ 103,6 bilhões, alta de 9,2%.

Em seu balanço financeiro, a Nissan informa que o gerenciamento da receita líquida inclui a consolidação dos resultados das operações da joint venture que mantém na China.

No fim de abril, a montadora já havia divulgado o aumento de 2,7% das vendas globais no período, ao alcançar volume recorde de 5,33 milhões de unidades entregues no ano fiscal.

Entre os fatores que contribuíram para os resultados, a montadora cita uma demanda mais elevada, especialmente para novos produtos na América do Norte e Europa Ocidental, em conjunto com as melhorias na eficiência e correção contínua na taxa de câmbio entre o iene e o dólar, que por fim, compensaram as condições de mercado mais fracas no Japão e em mercados emergentes.

“Estes são sólidos resultados em um mercado altamente competitivo”, afirmou Carlos Ghosn, CEO e presidente global da Nissan. “A demanda por nossos novos produtos tem nos encorajado. Ao longo deste novo ano, vamos nos manter focados em entregar receita e lucro continuamente crescentes, orientados pela nossa ofensiva de produtos e tecnologias, disciplina em custos e vendas e nas crescentes sinergias com a Aliança Renault-Nissan.

Estas ações vão assegurar que nos manteremos no caminho certo dentro das nossas estratégias de médio prazo”, ressaltou o executivo durante a apresentação dos resultados na quarta-feira, 13, em Yokohama, no Japão.

Para o ano fiscal atual, de 1º de abril de 2015 até 31 de março de 2016, a montadora aposta em crescimento de 4,4% de suas vendas, para 5,55 milhões de unidades e equivalente a uma participação de mercado global de 6,5%.

A expectativa é de que os novos modelos, como o Nissan Maxima, Lannia e o Infiniti Q30 impulsionem a demanda no período. Sob este panorama, a montadora projeta manter o nível do lucro líquido em US\$ 4,2 bilhões, enquanto espera aumentar o lucro operacional em 9,2%, para algo equivalente a US\$ 5,9 bilhões. A receita líquida é estimada em US\$ 105,2 bilhões, alta de 1,5%.

Ford Focus terá frenagem automática

14/05/2015 - Fonte: Automotive Business



A Ford mostrou pela primeira vez no Brasil o hatch médio Focus reestilizado, que será fabricado na Argentina e chega ao no mercado brasileiro no segundo semestre, entre agosto e setembro.

A fabricante confirmou parte do pacote tecnológico do carro, provavelmente opcional e só disponível nas versões mais caras, que incluirá frenagem automática, ainda inédita em modelos produzidos no Mercosul.

O sistema funciona no trânsito das cidades, em velocidades de até 50 km/h. Um sensor no para-brisa monitora carros ou qualquer outro obstáculo à frente e, em caso de risco de colisão, aciona os freios automaticamente, evitando acidentes ou mitigando seus efeitos.

Conjugado com câmbio automático e o cruise control, que mantém distância pré-determinada do veículo adiante, no anda-e-para das cidades pode-se ativar a frenagem automática e, quando quiser, basta apertar um botão no volante para retomar o movimento, tudo sem precisar usar nenhum pedal.

“Limitamos a 50 km/h porque acima disso a frenagem automática pode assustar o motorista e até causar um acidente”, explica Marcio Alfonso, diretor de engenharia da Ford América do Sul.

Em outra tecnologia ainda pouco difundida na região, a Ford vai oferecer pela primeira vez no novo Focus a assistência eletrônica de estacionamento. Ao toque de um botão no painel, sensores passam a buscar uma vaga lateral ou perpendicular e, uma vez encontrado o espaço, o sistema passa a controlar a direção e faz a baliza automaticamente para o motorista, que ainda precisará comandar acelerador e freios. A assistência também funciona para ajudar a sair da vaga.

O Focus também vai incorporar outras duas tecnologias já disponíveis nos demais modelos da Ford: a terceira geração do sistema multimídia Sync de conectividade, entretenimento e navegação equipado com o AppLink, que roda aplicativos do smartphone; e chamada de emergência, que em caso de acidente faz uma ligação automática, via celular pareado do motorista no Sync, para o Serviço de Atendimento Médico de Urgência, o Samu.

O sistema informa ao atendente que houve um acidente, fornece a localização e abre a linha para conversa com os ocupantes do veículo acidentado, para possível envio de socorro.

A Ford promete ainda incorporar ao Focus uma nova geração do sistema eletrônico de controle de estabilidade, capaz de prever com maior precisão possíveis derrapagens e recolocar o carro no rumo certo com acionamento balanceado dos freios.

O Focus reestilizado ganhou novos faróis mais afilados e a grade dianteira hexagonal, já presente em toda a linha de carros da Ford no mundo.

De resto, por fora pouca coisa parece ter mudado. As opções debaixo do capô devem seguir sendo o motor bicompostível DirectFlex 2.0 com injeção direta e 178 cavalos ou o 1.6 de 135 cv. A transmissão pode ser manual ou a automática de dupla embreagem Powershift.

Financiamento de veículos recuou em 2015

14/05/2015 - Fonte: Automotive Business



A falta de confiança na economia e a restrição da oferta de crédito causou redução no financiamento de veículos no primeiro quadrimestre de 2015. Considerando modelos novos e usados, entre janeiro e abril 1,83 milhão de automóveis, comerciais leves, motocicletas e pesados foram adquiridos a prazo, com queda de 10,2% na comparação com o mesmo período do ano passado.

Os dados foram divulgados pela Cetip, que opera o Sistema Nacional de Gravames (SNG), responsável por armazenar as informações sobre veículos dados como garantia em operações financeiras.

A queda foi ainda mais profunda em abril, de 15% sobre igual mês de 2014, com o financiamento de 437,8 mil unidades. Em relação ao resultado de março, a redução é de 12%.

A aquisição a prazo de carros novos registrou retração maior do que a de usados, de 18,3% no quadrimestre. Enquanto isso, o financiamento de modelos de segunda mão caiu apenas 2,3%.

O segmento de automóveis somou 927,2 mil unidades adquiridas por meio da modalidade no primeiro quadrimestre, com diminuição de 2% na comparação anual. Já as motocicletas tiveram crescimento de 0,8% nas vendas a prazo, para 35,8 mil unidades.

No mercado de caminhões a modalidade teve participação em 64,4 mil veículos comprados de janeiro a abril entre novos e usados. O volume representa queda de 52,1% na sobre os primeiros quatro meses de 2014, a maior retração entre os segmentos.

Enquanto foram feitos menos contratos de financiamento no início do ano, o consórcio apresentou crescimento de 0,3% no primeiro quadrimestre na comparação com o volume registrado há um ano.

Foram vendidas 283,8 mil unidades por meio de cotas da modalidade. O desempenho foi puxado pelos automóveis, que somaram 79,9 mil unidades vendidas desta maneira, com alta de 19%.

O Crédito Direto ao Consumidor (CDC), por sua vez, teve queda de 11,6%, com 1,49 milhão de contratos. O Leasing registrou a redução mais expressiva, de 18,8%, para 22 mil unidades. O prazo médio de financiamento ficou praticamente estável, em 40,5 meses.

Bandeira tarifária eleva para R\$ 2,4 bi gasto com energia

14/05/2015 - Fonte: Automotive Business

O consumo de energia no Brasil ficou R\$ 2,4 bilhões mais caro no primeiro trimestre deste ano devido à adoção do sistema de bandeiras tarifárias pelo governo federal. A arrecadação das distribuidoras vem em trajetória crescente desde o início do ano.

Em janeiro, as bandeiras tarifárias geraram uma despesa adicional de R\$ 413,9 milhões por parte dos consumidores. Esse montante subiu para R\$ 823,1 milhões em fevereiro e alcançou R\$ 1,159 bilhão em março, de acordo com dados da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel).

A elevação reflete o consumo de energia e o reajuste aprovado pela agência reguladora a partir de março. Em janeiro, quando o sistema começou a ser aplicado, o cliente pagava R\$ 3 para cada 100 quilowatts-hora (kWh) consumidos nos meses em que o sistema operasse com a bandeira vermelha. No caso da bandeira amarela, o valor era de R\$ 1,50 para cada 100 kWh.

Mas, em março, o valor foi reajustado para R\$ 5,50 por 100 kWh na bandeira vermelha e R\$ 2,50 por 100 kWh na bandeira amarela. Como desde o início do ano a bandeira acionada pela Aneel é a vermelha, o consumidor está pagando pelo valor adicional cheio.

Custo de geração

O sistema de bandeiras tarifárias tem como objetivo alertar o consumidor para o custo de geração de energia no país no respectivo mês, além de dividir com ele essa despesa. A conta mais salgada paga pelos consumidores beneficia as distribuidoras, responsáveis pelo fornecimento de energia ao consumidor final e compradoras de energia junto às geradoras.

Com as bandeiras tarifárias, a receita das distribuidoras é inflada de modo a evitar que o setor volte a precisar de recursos externos, assim como ocorreu principalmente em 2014.

Neste ano, o custo mais alto da energia, explicado principalmente pela falta de chuvas e pela necessidade de acionamento de térmicas, já é compensado a cada mês pelas bandeiras tarifárias. A própria distribuidora fica com a maior parte dos recursos adicionais oriundos do sistema.

Distribuidoras que não obtêm volume condizente com suas necessidades são atendidas pela Conta Bandeiras, gerenciada pela Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE).

No mês passado, a Conta Bandeiras recebeu R\$ 218,86 milhões de 38 distribuidoras. O volume excedente foi destinado a 21 distribuidoras que arrecadaram aquém das necessidades, informou a CCEE nesta quarta-feira (13).

PIB brasileiro recuou 0,27% no 1º trimestre, estima FGV

14/05/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

A economia puxou o freio de mão neste início de ano, e o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro encolheu 0,27% nos três primeiros meses de 2015 em relação ao último trimestre de 2014, estima o Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV), por meio do Monitor do PIB.

Depois de meses deprimindo a atividade doméstica, a indústria cedeu o lugar como destaque negativo para os serviços, que respondem por dois terços da renda gerada no país. No acumulado de quatro trimestres, o setor de serviços também está em queda – algo que, se confirmado, será inédito na série.

O PIB de serviços diminuiu 0,7% no primeiro trimestre em relação aos três últimos meses de 2014, segundo as estimativas obtidas com exclusividade pelo Broadcast, serviços de notícias em tempo real da Agência Estado, e já atualizadas para a nova metodologia do PIB.

O recuo é explicado principalmente pelo desempenho de comércio, transportes e outros serviços.

O cálculo, porém, inclui apenas 70% das informações para o mês de março - faltam os dados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), que será divulgada em 20 de maio. "Com a inclusão desses dados, o PIB de serviços deve ficar ainda pior.

Os pagamentos (de salários) em serviços já estão caindo há algum tempo, há menor demanda por trabalhador. Está reduzindo também a demanda por serviços.

Tudo isso afeta o PIB", comentou o economista Claudio Considera, que já chefiou a Coordenação de Contas Nacionais do IBGE e hoje atua como pesquisador associado do Ibre/FGV.

Em 12 meses, o PIB cai 0,9% até março deste ano, com os serviços também no vermelho. A atividade acumula uma retração de 0,2% – a queda, se confirmada pelo IBGE, será inédita nesta comparação desde 1997, quando começa a série. Os dados oficiais serão anunciados em 29 de maio.

“Durante todo o ano passado, a indústria já vinha despencando, enquanto os serviços amorteciam. Agora não, e o grande problema disso é que os serviços empregam muita gente. Vai afetar o emprego”, avaliou Considera.

Encolhimento

Na indústria, a crise parece ter se aprofundado rapidamente. Após chegar ao fim de 2014 com recuo de 1,2%, o setor encerrou o primeiro trimestre deste ano com queda maior que o dobro.

Em 12 meses até março, a atividade industrial encolheu 2,6% – se confirmado, será o pior resultado desde o fim de 2009 –, diante do desempenho fraco dos segmentos de eletricidade e gás, água e esgoto e da construção civil.

Câmara aprova mudança no fator previdenciário

14/05/2015 - Fonte: Gazeta do Povo



Apesar de conseguir aprovar a segunda medida provisória do seu pacote de ajuste fiscal, o governo Dilma Rousseff sofreu nova derrota na noite desta quarta-feira (13) no plenário da Câmara dos Deputados. Por 232 votos a 210, os deputados aprovaram uma alternativa ao chamado fator previdenciário, criado pelo governo Fernando Henrique Cardoso (PSDB) para retardar as aposentadorias de quem deixa o serviço mais cedo.

A emenda estava ligada à MP 664, aprovada momentos antes, que torna mais rígidas as regras para as concessões da pensão por morte e auxílio-doença. A medida tem que ser aprovada ainda pelo Senado e sancionada pela presidente Dilma para entrar em vigor.

O governo, porém, é contra a mudança no fator previdenciário, e havia proposto aos deputados que esperassem uma proposta alternativa em até 180 dias. O Palácio do Planalto já havia acertado com as centrais sindicais a instalação de um fórum para debater opções.

A emenda aprovada é do deputado Arnaldo Faria de Sá (PTB-SP). Ela propõe como alternativa ao fator previdenciário o chamado fator 85/95 – a soma, para mulheres e homens, respectivamente, da idade mais o tempo de contribuição.

Caso o trabalhador decida se aposentar antes de atingir essa marca, a emenda determina que a aposentadoria continue sendo reduzida pelo fator previdenciário. A medida valeria a partir de 2016.

Texto principal

Na votação do texto principal foram 277 votos a favor e 178 contra, diferença de 99 votos, folga maior que a registrada na primeira medida do pacote. Na MP que restringe benefícios trabalhistas, a diferença foi de 25 votos.

O governo voltou a enfrentar protestos da oposição, que mais uma vez entoou no plenário o coro de que “o PT pagou com traição a quem sempre lhe deu a mão”. Deputados levaram faixas contra Dilma, o que causou empurra-empurra entre congressistas.

O Planalto também enfrentou ameaças de rebelião na própria base. Teve que negociar, principalmente, oferecendo cargos. Apesar disso, o PDT, do ministro Manoel Dias (Trabalho), voltou a votar contra o ajuste.

Negociação

Para que o texto avançasse no Congresso, o governo já havia aberto mão de cerca de R\$ 3 bilhões da economia inicialmente prevista – R\$ 18 bilhões com todo o pacote. Reduziu, por exemplo, o tempo de contribuição necessário que queria estabelecer para haver direito à pensão por morte – de dois anos para um ano e meio.

Após a conclusão da votação das emendas, o que deve ocorrer nesta quinta (14), a medida segue para apreciação do Senado.

Prazo para direto à pensão por morte passa a ser de dois anos

O texto principal da MP 664 aprovado nesta quarta (13) prevê, como queria o governo, a exigência de dois anos de casamento ou união estável para que o viúvo ou viúva tenha direito à pensão por morte.

O governo pretendia ainda, no texto original, estabelecer uma carência de 24 meses de contribuições para o acesso a esse benefício, mas o relator da proposta, deputado Carlos Zarattini (PT-SP), reduziu esse prazo para 18 meses, mantidos em votação no plenário.

Essa alteração, associada a outras modificações feitas ao texto original, acarretará redução estimada em cerca de R\$ 1 bilhão na economia inicialmente projetada pelo governo, segundo o relator.

Zarattini alterou ainda a tabela que determina o prazo de duração da pensão, levando em conta a idade do beneficiário, e retirou o dispositivo que limitava a pensão a 50% do valor original, argumentando que a regra não poderia ser aplicada ao servidor público e portanto poderia ferir o princípio da isonomia.

Auxílio-doença

A MP eleva ainda o prazo de afastamento que o empregador terá de arcar antes que o pagamento seja efetuado pela Previdência, de 15 para 30 dias, tanto no caso da aposentadoria por invalidez, quanto no caso do auxílio-doença.

Acordo fechado na base prevê que será incluído em uma outra Medida Provisória um dispositivo para reduzir esse prazo para pequenas e médias empresas.

Na semana passada, a Câmara já havia aprovado a MP 665, que reduz direitos trabalhistas, como o seguro-desemprego.

Após ajuste, governo vai debater meta de crescimento de gastos

Passada a aprovação das medidas do ajuste fiscal no Congresso, a atenção dos investidores e analistas poderá focar na volta de um debate nada novo: a adoção de uma meta de crescimento para o gasto público ou, ao menos, de parte das despesas.

O Ministério do Planejamento deverá definir, no âmbito da Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) de 2016, limites para os gastos com pessoal no Executivo, Legislativo e Judiciário. A ideia é adotar uma taxa de crescimento para a folha de pagamento dos três poderes. A proposta deverá ser divulgada até agosto.

Nesta quarta-feira (13), durante palestra na Bolsa de Valores de Londres, o ministro da Fazenda, Joaquim Levy, reforçou a mensagem do esforço do governo em reduzir os gastos públicos. "A chave do ajuste fiscal é levar os gastos discricionários para níveis antigos, basicamente para o nível de 2013, e reverter incentivos tributários", afirmou o ministro.

Desoneração

O projeto de lei que revê as desonerações da folha de pagamento vai entrar nas negociações políticas entre o Ministério da Fazenda e os parlamentares, a partir do início da semana que vem.

Diante da necessidade de reduzir a renúncia fiscal, que no ano passado acumulou R\$ 25 bilhões, a equipe econômica já chegou a sinalizar que poderia "atenuar" alguns pontos do projeto de lei.

Em manifesto, indústria critica atraso da pauta macroeconômica do país

14/05/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

Representantes da Mobilização Empresarial pela Inovação (MEI) entregaram ao ministro da Ciência, Tecnologia e Inovação, Aldo Rebelo, um manifesto em que defendem a necessidade de políticas voltadas para a inovação na indústria e criticam o atraso das pautas econômicas que estão sendo discutidas atualmente.

"Não era mais o momento de questionar a necessidade de equilíbrio fiscal ou de inserção do Brasil no ambiente global", afirmou o cofundador da Natura, Pedro Passo, que realizou a leitura do manifesto durante o 6º Congresso Brasileiro de Inovação da Indústria, promovido pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) e pelo Sebrae, em São Paulo, nesta quarta-feira (13).

O documento defende a atuação do governo como fundamental para a criação de uma base normativa, que propicie a criação de instrumentos para incentivar a ciência, a tecnologia e a inovação.

"As políticas deverão ser capazes de responder aos desafios do ambiente global", disse. "Queremos uma País moderno, livre do atraso", afirmou.

O manifesto da MEI propõe ainda a necessidade de incorporar na visão de País “a obsessão por aumento da produtividade, ao invés de desperdiçar tempo precioso consertando erros do passado”.

5 sinais de que a recessão ainda não acabou

14/05/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

Não há hoje analista que não queira dizer que a economia finalmente chegou ao fundo do poço e que a recuperação começou. Alguns números usados como “antecedentes”, ou seja, que vêm antes dos índices fechados pelo IBGE, mostram que ainda falta um pouco para a curva da economia virar.

Até abril, vários desses indicadores ainda eram negativos, o que pode se converter em uma recessão nos dois primeiros trimestres do ano.

São dados como o fluxo em rodovias pedagiadas, consumo de energia e vendas de papelão ondulado que permitem identificar os rumos dos grandes setores da economia. A retração parece ter continuado no segundo trimestre.

Papelão ondulado

As vendas de papel ondulado são um indicador importante porque o material é usado para embalar os produtos despachados pelas indústrias para as lojas. Geralmente a recuperação desse setor indica que há uma demanda mais forte no varejo.

Segundo os dados da ABPO, que representa os fabricantes do material, as vendas do produto caíram 2,23% em abril, na comparação anual. No ano, a queda acumulada é de 1,23%.

Pedágio

Outro indicador antecedente é o de fluxo nas estradas pedagiadas. Quando o tráfego de caminhões cresce, é sinal de aquecimento na economia. Dados da ABCR, associação das concessionárias de pedágio, o fluxo de veículos pesados caiu 6,1% em abril, na comparação com o mesmo mês de 2013, e 4,6%, na comparação com março. No ano, a queda é de 6,2%.

Energia

O consumo de energia é um indicador do desempenho da economia, principalmente do setor industrial. Em abril, o consumo caiu 1,3% na comparação com o mesmo mês de 2013. Em relação a março o recuo foi de 4,1%. O dado do consumo industrial não foi divulgado, mas é provável que ele tenha sido o maior responsável pela queda.

Vendas de veículos

Com uma cadeia produtiva longa, o setor automotivo é chave para se entenderem os rumos da economia. Em abril as vendas de veículos no país caíram 25,2% em relação ao mesmo mês de 2014. Na comparação com março, as vendas recuaram 6,5%.

Produção de aço

Em março, a produção de aço bruto caiu 7,5% na comparação com 2013, o pior resultado mensal do primeiro trimestre. Nos primeiros três meses, a queda foi de 0,7%. O aço

bruto é matéria-prima para grande parte das indústrias pesadas e antecede a recuperação em outros setores.

Máquinas e equipamentos fecha 1º trimestre em alta

14/05/2015 - Fonte: Usinagem Brasil

O faturamento bruto da indústria brasileira de máquinas e equipamentos registrou alta de 8,7% no primeiro trimestre, somando R\$ 18,75 bilhões. O resultado obtido em março contribuiu para esse resultado ao totalizar R\$ 7,02 bilhões, com aumento de 16,8% sobre o mês anterior.

O resultado, porém, não empolga os fabricantes do setor. Segundo a Abimaq, que apresentou o balanço trimestral na semana passada, a valorização do dólar provocou uma distorção.

Embora os números possam sugerir uma recuperação do setor, na realidade – em termos de volume de produção – os negócios estão em patamares semelhantes (ou até abaixo) do registrado no ano passado.

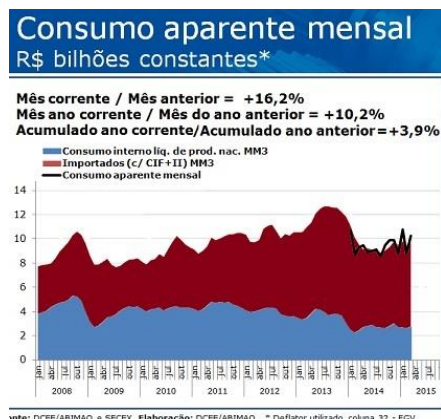
“Esse é um efeito do câmbio. Nossas exportações, nos últimos meses - em valores - passaram a representar cerca de 50% do faturamento do setor, quando a média histórica é 30%”, explica Carlos Pastoriza, presidente da entidade. “Se eliminarmos as exportações, o que temos é uma queda. Nossa previsão é que, em 2015, a produção física do setor caia cerca de 6%, embora possa haver um aumento em reais”.

Os números referentes ao consumo aparente ajudam a esclarecer este ponto. No trimestre, o consumo aparente do setor (produção + importação - exportação) somou R\$ 29,83 bilhões.

Se comparado com o mesmo período do ano anterior temos um aumento de 3,9%. Ao se eliminar a variação cambial, utilizando o câmbio médio para o período de 2014, o consumo aparente é inferior em 2,4%.

EXPORTAÇÃO X IMPORTAÇÃO - Embora em março as exportações do setor tenham alcançado alta de 55,9% na comparação com fevereiro (totalizando US\$ 1,23 bilhão), no trimestre somaram US\$ 2,81 bilhões, o que representa queda de 11,9% frente ao mesmo período de 2014.

Já as importações, no total de US\$ 2,17 bilhões em março, cresceram 19,1% sobre o volume de fevereiro e caíram 7,1% na comparação com março de 2014. No trimestre, o total de US\$ 6,61 bilhões é 12,7% menor que o resultado apurado no primeiro trimestre de 2014.



Vendas do comércio caem 0,8% no primeiro trimestre, o pior desde 2003

14/05/2015 - Fonte: Folha de S. Paulo

Com o desaquecimento do mercado de trabalho e o crédito mais restrito, as vendas do comércio varejista do país recuaram 0,8% no primeiro trimestre de 2015 comparado com o mesmo período de 2014, segundo dados do IBGE divulgados nesta quinta-feira (14). Foi o pior resultado para um trimestre desde o terceiro trimestre de 2003 (-4,4%), quando o país ainda sentia os efeitos da incerteza do primeiro governo Lula.

Em março, as vendas do comércio caíram 0,9% na comparação com o mês anterior, na série livre dos efeitos sazonais (típicos de cada período, como o número de dias úteis, por exemplo).

Na comparação de março com o mesmo mês do ano passado, no entanto, as vendas avançaram 0,4%

Neste caso, os dados foram influenciados pelo número de dias úteis, já que o carnaval de 2014 ocorreu no mês de março, prejudicando as vendas do setor naquele ano.

O varejo tinha apresentado alta de 0,3% na passagem de dezembro para janeiro deste ano. Já de janeiro para fevereiro o setor registrou leve queda de 0,1%.

Quando considerados os últimos 12 meses, a variação foi positiva em 1%.

SETORES

Em março, na comparação com fevereiro, houve queda em sete dos dez setores pesquisados. O setor de veículos e motos teve queda de 4,6%, a mais acentuada de todas.

Entre os fatores que derrubam o varejo está o desânimo para consumir. O Índice de Confiança do Consumidor (ICC), medido pela FGV, recuou 2,9% de fevereiro para março, para o menor patamar da série iniciada em setembro de 2005.

Por trás da falta de confiança estão questões que vão desde a piora do mercado de trabalho e da renda, passando pela restrição do crédito, e mesmo a turbulência política e o risco de desabastecimento de água e energia, segundo avaliação da FGV.

O novo calendário da crise

14/05/2015 - Fonte: Folha de S. Paulo

Até o começo de junho, os economistas de Dilma 2 devem apagar a maior parte do incêndio tocado por Dilma 1, caso o Congresso não lance chamas nas ruínas.

Concedido o relativo otimismo, fica a pergunta: Dilma 2 vai então formular algum projeto positivo de reforma? Vai começar a discutir o ajuste de 2016?

Até junho vota-se o plano de corte de despesas e aumento de impostos de Joaquim Levy. O ministro da Fazenda promete que em até dez dias sai o Orçamento de verdade.

No início de junho, o Banco Central deve fazer ou anunciar o último aumento da taxa básica de juros neste ano. Também no mês que vem, o ministro do Planejamento, Nelson Barbosa, deve revelar o plano concessões de infraestrutura, aeroportos, rodovias, ferrovias e talvez alguma coisa em portos.

Graças à recessão feia, ao aumento horrendo de preços e a alguma sorte com as chuvas, estima-se agora que não deve haver racionamento de eletricidade neste ano. Existe até a esperança de que se desmonte, ainda que de modo disfarçado e precário, o programa que arruinou a Petrobras.

A própria enumeração dos focos de incêndio, porém, indica que a coisa ainda estará quente em 2016.

O superavit primário federal prometido para 2016 é o dobro do anunciado para 2015. A economia deve crescer um tico, e haverá receita extra devida a leis aprovadas neste ano. Ainda assim, não vai ser fácil.

Para começar, não conviria contar com outro talho no investimento público, que será de uns 30% neste ano, o equivalente talvez a um quarto do superavit federal deste 2015.

O setor elétrico está em desordem endividada. Sim, usinas importantes passam a operar daqui até 2016. Mas a situação dos reservatórios ainda será crítica e, a não ser em caso de novo desastre econômico, o consumo de eletricidade volta a crescer. Ainda não se sabe de reforma do setor.

Faltam crédito e meios de financiar setores essenciais para alguma retomada econômica, construção pesada, infraestrutura, construção civil, em parte devido à ruína corrupta das empreiteiras.

Escasseia o dinheiro no BNDES, na poupança ou no FGTS, por exemplo, e ainda não está claro como será a transição para um sistema de financiamento mais dependente do setor privado.

Fica-se a pensar se é possível ressuscitar o investimento público sem alta adicional de impostos (ou corte de algum gasto público grande, o que em geral depende de leis complicadas de aprovar).

Decerto os economistas de Dilma 2 estavam e ainda estarão por algum tempo envolvidos na tarefa de lidar com a agonia de Dilma 1 e o decorrente risco de desastre. Porém, ainda que o paciente fique estável, o estado da economia é crítico ou pelo menos preocupante.

Pode ser que o sucesso do arrocho, a recessão e a relativa calma no exterior permitam um corte na taxa de juros a partir do início de 2016. Mas o ânimo ou a capacidade dos bancos de conceder crédito devem estar avariados pela crise, falências e desemprego. O mercado de capitais está na apatia sabida; falta criar ou azeitar instrumentos para financiar a retomada de investimentos.

Ainda restam muita fumaça tóxica e brasa dormida do incêndio de Dilma 1. O rescaldo vai demorar. Começa logo no mês que vem.

Vendas no varejo caem 0,9% em março e fecham 1º tri com pior resultado em 12 anos

14/05/2015 - Fonte: Reuters

As vendas no varejo brasileiro recuaram 0,9 por cento em março sobre fevereiro, segundo mês seguido de perdas e com resultado pior do que o esperado, encerrando o primeiro trimestre com o resultado mais fraco em 12 anos, num sinal do peso que a fraqueza econômica vem tendo sobre o setor.

O varejo fechou o período de janeiro a março com recuo acumulado no volume de vendas de 0,8 por cento na comparação anual, leitura mais fraca desde o terceiro trimestre de

2003 (queda de 4,4 por cento) e o pior resultado para um primeiro trimestre também desde o mesmo ano (queda de 6,1 por cento).

Na comparação com março de 2014, as vendas varejistas avançaram 0,4 por cento, de acordo com os dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nesta quinta-feira.

Os resultados foram piores que as expectativas em pesquisa da Reuters, de queda de 0,35 por cento na comparação mensal e alta de 1,50 por cento sobre um ano antes.

E para destacar ainda mais a debilidade do varejo neste ano, o IBGE revisou para uma queda de 0,4 por cento as vendas de fevereiro sobre janeiro, contra recuo de 0,1 por cento divulgado antes.

O IBGE informou que cinco das oito atividades pesquisadas no varejo restrito registraram queda mensal no volume de vendas em março, com destaque para móveis e eletrodomésticos (-3,0 por cento), livros, jornais, revistas e papelaria (-2,3 por cento) e hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (-2,2 por cento).

No varejo ampliado, que inclui veículos e material de construção, o volume de vendas caiu 1,6 por cento em março sobre fevereiro, pressionado principalmente pelo recuo de 4,6 por cento em veículos e motos, partes e peças.

Banco do Brasil tem lucro de R\$ 5,8 bilhões no primeiro trimestre

14/05/2015 - Fonte: Agência Brasil

O Banco do Brasil (BB) informou hoje (14) que registrou lucro líquido de R\$ 5,818 bilhões no primeiro trimestre de 2015. O montante cresceu 93,3% em relação aos R\$ 3 bilhões registrados no quarto trimestre de 2014 e 115,4% na comparação com os R\$ 2,7 bilhões do primeiro trimestre do ano passado.

A instituição alcançou ainda um valor de R\$ 1,524 trilhão em ativos em março de 2015, com crescimento de 11,2% em 12 meses, e de 6% na comparação com o trimestre anterior.

O BB é a maior instituição em ativos entre as empresas do setor financeiro da América Latina. De acordo com nota do banco, o desempenho no primeiro trimestre foi favorecido principalmente pela expansão da carteira de crédito, que ampliada atingiu R\$ 776,9 bilhões em março último, com crescimento de 11,1% em 12 meses e 2,1% em relação ao trimestre anterior.

O crédito imobiliário atingiu saldo de R\$ 41 bilhões, crescendo 49% em relação ao primeiro trimestre de 2014. O financiamento imobiliário às pessoas físicas cresceu 45,5% em 12 meses, alcançando saldo de R\$ 30,4 bilhões.

Já o financiamento ao agronegócio encerrou o primeiro trimestre deste ano em R\$ 163,4 bilhões, 9% a mais do que no primeiro trimestre de 2014.

O saldo do crédito concedido às empresas chegou a R\$ 359 bilhões em março de 2015, crescimento de 11% em 12 meses e 1,4% em relação ao trimestre anterior. As operações de capital de giro e investimento representaram 71,2% do total.

De acordo com o BB, o banco manteve a liderança em crédito no Sistema Financeiro Nacional (SFN), com 20,8% de participação no mercado.

De acordo com a nota do BB, os índices de inadimplência no banco “se mantiveram em patamares menores do que os observados no SFN”. Ao fim de março de 2015, o índice de operações com atraso de mais de 90 dias no pagamento representou 2,05% da carteira de crédito.

A instituição financeira destacou que, no mesmo período, o SFN registrou índice de inadimplência de 2,8%.

Fiasco da Pátria Educadora

14/05/2015 - Fonte: Estado de S. Paulo

O ministro da Fazenda, Joaquim Levy, advertiu nesta quarta-feira, em Londres, que, “sem forte ganho em produtividade, não podemos apoiar salários mais altos”.

O assunto é objeto de reiteradas advertências do Banco Central por seu impacto sobre a inflação. Quando os salários crescem mais do que a produtividade do trabalho, o resultado é a alta de preços, pelo efeito demanda. Aumentos de salário produzem mais procura por bens e serviços e, quando isso acontece acima do aumento da oferta, é inevitável a inflação, que é o mecanismo natural, digamos assim, de ajuste de uma distorção.

RITMO DESIGUAL

Crescimento médio da produtividade

EM PORCENTAGEM

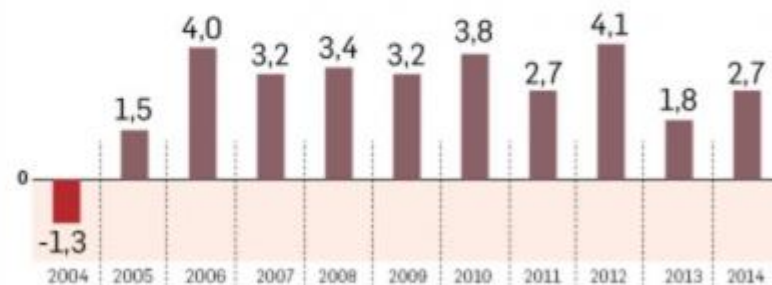
	2002 - 2010	2010 - 2014
Da economia*	1,6	0,2
Do trabalho	1,2	1,1
Do capital	0,4	-0,9

*Produtividade Total dos Fatores (PTF)

FONTES: IBGE E MINISTÉRIO DA FAZENDA

Variação do rendimento médio

EM PORCENTAGEM AO ANO



INFOGRÁFICO/ESTADÃO

No depoimento que fez dia 29 de abril no Congresso, o ministro Joaquim Levy apresentou a tabela e o gráfico que vão reproduzidos aí acima. Mostram que o rendimento médio do brasileiro (portanto os salários) cresceu substancialmente mais do que a produtividade da economia, a produtividade do trabalho e a produtividade do capital.

É um equívoco afirmar que os salários aumentaram demais apenas por pressão dos sindicatos e das bancadas trabalhistas no Congresso. Os salários aumentaram consideravelmente mais do que o ritmo da economia porque a política econômica criou aumento da demanda por mão de obra.

Tanto isso é verdade que, ao longo dos dois últimos anos, o mercado de trabalho operou praticamente em regime de pleno-emprego.

Agora os indicadores mostram avanço do desemprego, o que tende a derrubar, também, a renda média do trabalhador, uma vez que a economia brasileira, que já andava devagar quase parando, entrou em recessão. O fator que começou a agir para derrubar os salários

é, portanto, o esfriamento do mercado de trabalho e não alguma coisa ligada à eficácia da mão de obra.

A produtividade do trabalho muito baixa no Brasil é também uma consequência da falta de políticas que procurem melhorar o desempenho da mão de obra no País. Isso se faz com melhora da qualidade de ensino e de treinamento.

A Pátria Educadora é um enorme fiasco nesses misteres. O mau desempenho dos estudantes brasileiros nas avaliações internacionais e os movimentos generalizados de greves de professores mostram a situação crítica do ensino no Brasil, apenas o 60.º colocado, na avaliação da qualidade do ensino feita em 76 países pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Embora pareça ter entendido o atraso do desenvolvimento econômico e social produzido por esses fracassos, o governo Dilma só consegue apontar soluções a longo prazo, quando o regime de partilha do pré-sal tiver proporcionado rendimentos da produção de petróleo.

O aumento da produtividade do trabalho que o ministro Joaquim Levy reclama não vai acontecer espontaneamente, sem políticas específicas para isso.

CONFIRA:

● Ranking mundial da educação básica

1º	Cingapura	53º	Costa Rica
2º	Hong-Kong	54º	México
3º	Coreia	55º	Uruguai
4º	Japão	56º	Montenegro
5º	China (Taipei)	57º	Bahrein
6º	Finlândia	58º	Líbano
7º	Estônia	59º	Geórgia
8º	Suíça	60º	Brasil
9º	Holanda	61º	Jordânia
10º	Canadá	62º	Argentina
...	...	63º	Albânia
51º	Irã
52º	Malásia	76º	Gana

FONTE: OCDE

(Celso Ming)

Na contramão do setor, mercado de carros de luxo cresce 18% no ano

14/05/2015 - Fonte: O Estado de S. Paulo

O mercado de carros de luxo segue com fôlego, apesar da crise que derrubou as vendas totais de veículos no País. Só as três marcas alemãs de modelos premium, responsáveis por 70% dos negócios nesse segmento, cresceram 18% nos primeiros quatro meses do ano, mesmo porcentual de queda verificado nas vendas totais de automóveis e comerciais leves no período.

Juntas, Audi, BMW e Mercedes-Benz comercializaram 13.936 veículos de janeiro a abril, ante 11.807 em igual período do ano passado. As três marcas vendem modelos com preços que vão de R\$ 96 mil a R\$ 959 mil e travam acirrada disputa no Brasil e mundialmente pela liderança nas vendas.

O segmento total de automóveis e comerciais leves vendeu até abril 861,7 mil unidades, 18,4% a menos na comparação com igual intervalo de 2014. "Por ser um nicho, o mercado de luxo, ou grifes, não é tão afetado pela crise quanto o mercado total", diz Dimitris Psillakis, diretor da área de automóveis da Mercedes-Benz do Brasil.



A Mercedes cresceu 31% nas vendas nos primeiros quatro meses do ano no comparativo com 2014, para 4.238 unidades. A concorrente Audi cresceu pouco mais – 35%, para 5.018 unidades. A BMW foi a única a registrar queda, de 3,5%, para 4.680 unidades.

Segundo um porta-voz da BMW, apesar dessa queda inicial, a marca trabalha com previsão de reverter o quadro e crescer dois dígitos até o fim do ano, algo próximo a 10%. Para isso, aposta nos lançamentos que fará nos próximos meses e na ampliação da produção na fábrica de Araquari (SC), que iniciou operações em outubro do ano passado.

Fábricas locais. Suas concorrentes também abrirão fábricas locais em breve. A Audi deve iniciar produção em São José dos Pinhais (PR) em setembro – nas instalações da Volkswagen, dona global da marca –, e a Mercedes em fevereiro de 2016, em Itacemápolis (SP).

“Vamos produzir localmente os dois modelos mais vendidos da marca no País, o Classe C e o utilitário GLA, hoje importados”, confirma Psillakis, que no segundo semestre assumirá o cargo de presidente da Mercedes-Benz na Coreia.

Ele credita o desempenho no Brasil à renovação dos modelos da marca, ao início das vendas do GLA (do segmento de utilitários compactos em que não atuava anteriormente) e ao aumento da rede de vendas, de 34 lojas em 2012 para 48 atualmente, uma das quais será aberta hoje, no bairro do Brooklin, na capital paulista. Até o fim do ano o grupo terá 55 vendas.

O presidente da Audi, Jörg Hofmann, afirma que o crescimento da marca acima da média do mercado “mostra a escolha correta da nossa estratégia 360 graus para o Brasil, bem como a decisão de produzir os modelos A3 Sedan e Q3 no País.”

Diz ainda que a expansão da rede de concessionárias, os investimentos em marketing e no pós-venda são ações que estão suportando o crescimento atual e continuarão suportando no longo prazo.

Para o diretor da consultoria ADK Automotive, Paulo Roberto Garbossa, além de ser menos influenciada pela crise, as vendas de carros de luxo estão aquecidas em parte porque as importadoras ainda não repassaram a alta do dólar aos preços.

“Muitos clientes das marcas premium estão antecipando a troca de seus modelos com receio de um repasse integral da alta do dólar”, afirma Garbossa.

Esportivo. No ano passado, o segmento de carros de luxo, incluindo modelos Land Rover, Volvo, Mini, Porsche, Jaguar e Lexus vendeu 55.841 unidades, 18% a mais que em 2013, que, por sua vez, cresceu 39% ante o ano anterior.

Para este ano, a expectativa é de novo crescimento, mas as marcas evitam falar em percentuais. A Mercedes aposta tanto no segmento que vai lançar na próxima semana o esportivo AMG GT, que será o modelo mais caro da linha: R\$ 855 mil.

Aneel aprova edital de leilão de termelétricas movidas a gás

14/05/2015 - Fonte: O Estado de S. Paulo



A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) aprovou nesta quinta-feira o edital do leilão de energia de reserva para usinas termelétricas movidas a gás natural e estabeleceu preço-teto de 581 reais por megawatt-hora (MWh) para a disputa.

O leilão foi marcado para 15 de junho. Originalmente, o certame estava previsto para ocorrer em 29 de maio, mas a Aneel decidiu adiar a data uma vez que o edital foi votado apenas nesta quinta-feira e o prazo mínimo entre a publicação do documento e a realização do leilão é de 30 dias.

Os contratos preveem início da entrega de energia em janeiro de 2016, ao longo de 20 anos.

Onda de demissões no setor automotivo chega ao Sul de Minas

14/05/2015 - Fonte: Jornal do Comércio

Não são apenas os fabricantes de autopeças da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) que estão sofrendo com a retração do setor automotivo. No Sul de Minas, empresas e fornecedores de peças e componentes para automóveis e caminhões também passam por dificuldades e já não conseguem segurar as demissões.

Em Poços de Caldas, Itajubá e Pouso Alegre, importantes cidades-polo da região, por exemplo, pelo menos 680 trabalhadores foram demitidos desde o começo deste ano.

Em Poços de Caldas, além dos fornecedores da cadeia automotiva, especializados em manutenção mecânica, montagem e lanternas para veículos, empresas que atendem outros segmentos da indústria da transformação, como os fabricantes de equipamentos e componentes para o setor de óleo e gás, também estão dispensando.

De acordo com o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Poços de Caldas e Região, Ademir Angelino, do começo de 2015 para cá, cerca de 500 trabalhadores foram demitidos na área de abrangência da entidade. E para evitar mais demissões, o sindicato local está negociando a suspensão de contratos de trabalho.

Em suma, a empresa "demite" o funcionário, que se beneficia do seguro-desemprego. E depois, quando o benefício trabalhista está quase terminando, o profissional é recontratado. "Estamos fazendo isso porque temos esperança de que as coisas vão melhorar daqui a alguns meses. Mas se a situação não melhorar, as demissões irão aumentar", alertou Angelino. Ainda segundo ele, a Alcoa Alumínio é uma das empresas locais que já dispensou pessoal.

Pouso Alegre - Em Pouso Alegre, só a Flamma Automotiva (antiga Automotiva Usiminas), fabricante de cabines de caminhão, demitiu aproximadamente 180 trabalhadores do começo deste ano até agora, segundo o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Pouso Alegre e Região, Francisco Pereira dos Santos Filho.

Porém, as demissões não se restringem apenas à Flamma Automotiva. A Delphi Automotive System do Brasil, especializada na produção de chicotes elétricos para automóveis, também reduziu o quadro de pessoal. "Não há demanda suficiente para manter a produção e muito menos o efetivo", lamentou o sindicalista.

Conforme Santos, o sindicato regional tentou negociar várias medidas com as empresas, como férias coletivas, *lay off* (suspensão temporária de contratos de trabalho) e demissões voluntárias, e hoje tenta a redução da jornada de trabalho, sem diminuição dos salários. "Estamos tentando vários mecanismos, mas não está fácil segurar os empregos", pontuou Santos.

Em Itajubá a situação não é diferente. Apesar de o número de dispensas ainda não configurar um quadro de "demissão em massa", o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Itajubá, Paraisópolis e Região, José Carlos dos Santos, afirmou que "a tendência é piorar". "Estamos preocupados com o clima nas empresas. O Brasil está parado", disse.

Além disso, a Helicópteros do Brasil (Helibras) lançou, no início de 2015, um programa de demissão voluntária (PDV), pelo qual 40 funcionários foram dispensados. E a empresa não deu garantias de que não haverá demissões fora do programa.

Desde o ano passado, a Helibras vem sofrendo com o plano de contingenciamento de verbas do governo federal, com a redução das compras de equipamentos para as Forças

Armadas. E algumas demissões na empresa, inclusive, já teriam acontecido por causa disso.

Diante deste cenário, Santos explicou que o sindicato está defendendo a redução da jornada de trabalho sem diminuição de salários, o que seria uma forma de adequar a produção à demanda e à situação atual, sem perder postos de trabalho. "Se o desemprego aumentar, a crise vai piorar", avisou.

Ministério dos Transportes cria fórum para discussão de transporte rodoviário de cargas

14/05/2015 - Fonte: Reuters

O Ministério dos Transportes criou um fórum permanente para discutir e oferecer sugestões e medidas técnicas para aperfeiçoar o transporte rodoviário de cargas, que contará com representantes de órgãos do governo, dos transportadores de carga e de empresas do setor privado.

O Fórum Permanente para o Transporte Rodoviário foi criado por meio de portaria publicada no Diário Oficial da União nesta quinta-feira.

A portaria determina que o fórum terá natureza consultiva e propositiva ao Ministério dos Transportes, não se confundido com as atribuições do Conselho Nacional de Integração de Políticas de Transporte.

Representantes do Ministério dos Transportes, da Agência Nacional de Transportes Terrestres, do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes, dos transportadores autônomos de carga e empresas de transporte de cargas e dos embarcadores de carga poderão participar, indicados pelos respectivos órgãos e designados pelo ministério.

Integrantes de outros órgãos também poderão ser convidados a prestar informações. A portaria desta quinta-feira revogou portaria anterior, de julho de 2013, que criava Câmara de Estudos sobre o transporte rodoviário de cargas no âmbito do Ministério dos Transportes.

A criação do fórum ocorre após protestos de caminhoneiros terem bloqueado por dias as principais estradas do país em fevereiro, março e abril.

Volume de vendas recua 1,4% no Paraná em março

14/05/2015 - Fonte: Bem Paraná

O comércio varejista apresentou variações positivas em 13 das 27 unidades da federação, no volume de vendas, na comparação de março de 2015 com igual mês do ano anterior (série sem ajuste).

No Paraná, o recuo foi de 1,4%. No entanto o setor paranaense aparece como destaque entre as maiores participações positivas na composição da taxa do varejo destacaram-se Rio de Janeiro (4,2%); Santa Catarina (3,3%); e Paraná (2,4%).

Para o volume de vendas, na comparação março de 2015 sobre o mês anterior (com ajuste sazonal), os resultados do varejo foram negativos para 16 estados, ressaltando-se Amazonas (-3,3%); Rio de Janeiro (-3,1%); Pernambuco (-2,9%); e Paraíba (-2,5%). As maiores taxas positivas ocorreram no Pará (2,2%); Roraima (1,4%); Acre (1,2%) e Santa Catarina (1,2%).

Em relação ao comércio varejista ampliado, 16 estados registraram resultados positivos em termos de volume de vendas, na comparação com o mesmo período do ano anterior, destacando-se Roraima (12,4%); Acre (10,1%); Sergipe (7,6%); e Rio Grande do Norte (7,1%). Os estados com maiores impactos positivos foram Rio de Janeiro (2,9%); Minas Gerais (3,3%); e Ceará (2,9%).

Entretanto, as participações negativas de três estados na composição da taxa do varejo influenciaram o resultado negativo global (-0,7). São eles: São Paulo (-3,1%); Santa Catarina (-3,2%) e Rio Grande do Sul (-2,1%).

Vendas no varejo variam -1,7% no primeiro trimestre de 2015. O comércio varejista apresentou, no primeiro trimestre de 2015, em relação ao trimestre anterior (com ajuste sazonal), diminuição do volume de vendas, em que a taxa passou de 1,7% para -1,7%. O mesmo ocorreu no varejo ampliado (2,6% para -4,0%).

Das dez atividades investigadas, sete tiveram taxas negativas para o volume de vendas: veículos, motos, partes e peças (-9,8%); móveis e eletrodomésticos (-5,6%); livros, jornais, revistas e papelaria (-4,0%); combustíveis e lubrificantes (-3,8%); tecidos, vestuário e calçados (-3,4%); material de construção (-1,9%); e hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (-1,1%).

As atividades com resultados positivos foram equipamentos e material para escritório, informática e comunicação (8,9%); outros artigos de uso pessoal e doméstico (1,1%); e artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, com 0,6%.

Na comparação do primeiro trimestre de 2015 com igual período do ano anterior, o varejo registrou taxa de -0,8%, resultado inferior ao do quarto trimestre de 2014 (1,2%). Este movimento também foi observado em combustíveis e lubrificantes, que passou de 1,4% no quarto trimestre de 2014 para -4,0% nos três primeiros meses de 2015.

As atividades que permaneceram com taxas negativas e com desempenho inferior ao último trimestre de 2014 foram hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (de -0,2% para -1,3%); tecidos, vestuário e calçados (de -1,0% para -3,0); e móveis e eletrodomésticos (de -1,2% para -6,7%).

Duas atividades permaneceram com taxas positivas e aumentaram seu ritmo de desempenho no primeiro trimestre de 2015: equipamentos e material para escritório, informática e comunicação (de 4,6% para 16,9%); e outros artigos de uso pessoal e doméstico (de 7,9% para 8,3%).

Já o comércio de artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria permaneceu com taxa positiva, mas diminuiu o ritmo de crescimento, passando de 7,9% para 5,7%. A atividade de livros, jornais, revistas e papelaria continua apresentando taxa negativa no primeiro trimestre de 2015, porém reduziu o ritmo de queda (de -9,3% para -7,8%).

No varejo ampliado, o volume de vendas do primeiro trimestre de 2015, comparado com o mesmo período do ano anterior, apresentou variação variou -5,3%, inferior a taxa do quarto trimestre de 2014 (-2,3%).

Este movimento também ocorreu em veículos, motos, partes e peças, que passou de -9,8% para -14,8%, e material de construção, que registrou taxa de -4,4% no trimestre atual, contra -0,6% no último trimestre de 2014.

Março

Em março, as vendas no varejo variaram -0,9% no volume de vendas e -0,4% na receita nominal, ambas com relação ao mês anterior, ajustadas sazonalmente. No caso do volume, o resultado é o segundo consecutivo com taxa negativa. Já o da receita nominal volta a ser negativo depois de dois meses positivo.

Quanto à média móvel trimestral, o volume de vendas registrou variação de -0,4%, enquanto a receita apresentou taxa de 0,4%. Nas demais comparações, obtidas das séries originais (sem ajuste), o varejo nacional obteve, em termos de volume de vendas, acréscimo da ordem de 0,4% sobre março do ano anterior.

Em termos acumulados, as variações foram de -0,8% no trimestre e de 1,0% nos últimos 12 meses. Para os mesmos indicadores, a receita nominal de vendas apresentou taxas de variação de 6,5%, 5,5% e de 7,3%, respectivamente.

O varejo ampliado, que inclui, ainda, as atividades de veículos, motos, partes e peças e de material de construção, continuou a registrar variação negativa sobre o mês anterior na série com ajuste sazonal. A taxa foi de -1,6% para o volume de vendas e de -1,5% para a receita nominal.

Em relação ao mesmo mês do ano anterior houve variações de -0,7% para o volume de vendas e de 5,1% na receita nominal. No que tange às taxas acumuladas, os resultados foram de -5,3% no ano e de -3,4% nos últimos 12 meses, para o volume de vendas, e de 0,5% e 2,3% para a receita nominal, respectivamente.

Momento na economia é de cautela, mas não de paralisação

14/05/2015 - Fonte: Diário do Comércio

Neste momento de ajuste da economia, é preciso que os empreendedores tenham cautela, mas não fiquem paralisados. A avaliação é de Luiz Barreto, diretor-presidente do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae).

"Preciso ter essa mentalidade. Não conheço grande e pequeno empreendedor que esteja parado", disse ontem durante o 6º Congresso Brasileiro de Inovação da Indústria, promovido pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) e pelo Sebrae, em São Paulo.

Ele destacou ainda a necessidade de avanços na legislação de modo a contribuir para o aumento da competitividade da indústria brasileira e ressaltou a importância da integração entre companhias de diferentes portes. "Um ecossistema legal é fundamental para que tenhamos avanços", pontuou.

Ele afirmou ainda que a parceria entre o Sebrae e a CNI tem sido fundamental para inserir a agenda da inovação nos pequenos negócios. "O Sebrae atende cerca de 2 milhões de empresas a cada ano, dessas 164 mil da indústria, o que representa 16% dos clientes", afirmou.

Para Barreto, uma indústria forte é imprescindível para o crescimento de um país e, independentemente do porte da empresa, é importante que todas estejam alinhadas. "As grandes empresas precisam de uma cadeia de fornecedores preparada para inovação, todos os elos precisam ser competitivos, ter mais produtividade", afirmou.

Ele afirmou que o Sebrae tem investido fortemente em inovação e que de 2015 a 2018 já foram aprovados mais de R\$ 2 bilhões para projetos nessa área.

De acordo com o presidente da CNI, Robson Braga de Andrade, o setor tem levado diversas propostas ao governo.

"Passamos por um momento sério, de dificuldades no mercado, de aumento significativo nos custos das empresas, com o consumo diminuindo em função da crise interna na economia e dificuldades também no setor externo, com alguns países em crise e a desaceleração da China", comentou.

Renault Cacia em greve por aumentos salariais que a empresa diz ter acordado

14/05/2015 - Fonte: Negócio Online

Os trabalhadores da Renault Cacia estão esta quinta-feira de novo em greve, para reivindicar aumentos salariais e contra a precaridade laboral, mas a administração diz já ter satisfeito o caderno reivindicativo, que tem aumentado com novas exigências.

Segundo o director de comunicação e imagem da Renault, Ricardo Oliveira, "a administração correspondeu ao que foi pedido, mas a cada ronda negocial a comissão de trabalhadores acrescenta novas exigências", o que dificulta qualquer entendimento.

"Exigiam um aumento de 25 euros, que depois passou para 30 euros e agora já vai nos 40 euros. Queriam a integração de mais 50 trabalhadores no quadro e a administração aceitou integrar mais 40, além de 16 que passam ao quadro a 1 de Junho", relatou em conferência de imprensa.

Ricardo Oliveira salientou que a Renault Cacia "é a empresa que melhor paga no distrito de Aveiro, onde um operador em início de carreira recebe mais de 15.700 euros brutos anuais" e adiantou que o que é proposto aos trabalhadores, em termos de aumentos salariais "o resto das pessoas gostava de ter".



Juan Requena, director dos recursos humanos, defendeu hoje em conferência de imprensa, que a empresa está a propor mais do que o inicialmente reivindicado, que a proposta é "razoável" e está acima do que é praticado noutras fábricas do grupo.

"Assim, não se pode convergir, se estão sempre a mudar. Cacia não pode estabelecer condições completamente afastadas das outras fábricas do grupo", disse Juan Requena, referindo nomeadamente a reivindicação de integrar no salário parte do prémio de eficácia.

Quanto aos números da greve, Juan Requena situa a adesão nos 49% e assegura que a fábrica não para com as greves, além de que "existem outras fábricas no grupo que conseguem produzir o mesmo e satisfazer os clientes", escusando-se a avançar com o valor dos prejuízos causados pelas sucessivas paralisações em Cacia.

"É tudo mentira", reage Hugo Oliveira, da comissão de trabalhadores, que salienta o esforço para chegar a um acordo com a empresa, que não é correspondido pela administração, que acusa de ter quebrado a lealdade negocial e ser a responsável por mais um dia de greve na Renault Cacia.

"Hoje estamos aqui porque a direcção assim o quis. Estávamos a negociar e a direcção pediu confidencialidade que não respeitou, difundindo um comunicado aos trabalhadores com mentiras. Pedimos para marcar um plenário para sábado para desconvocar a greve e responderam que não cumprimos as formalidades. É no mínimo inaceitável quando se quer resolver um problema (...)", comentou.

Hugo Oliveira rebate o argumento de que os trabalhadores acrescentam novas reivindicações, afirmando que aqueles estavam dispostos a aceitar o aumento de 15 euros para cada ano. E acrescenta que a proposta de integrar alguma da remuneração variável (prémio) na fixa foi colocada nas negociações pela administração, "que agora quis retirar".

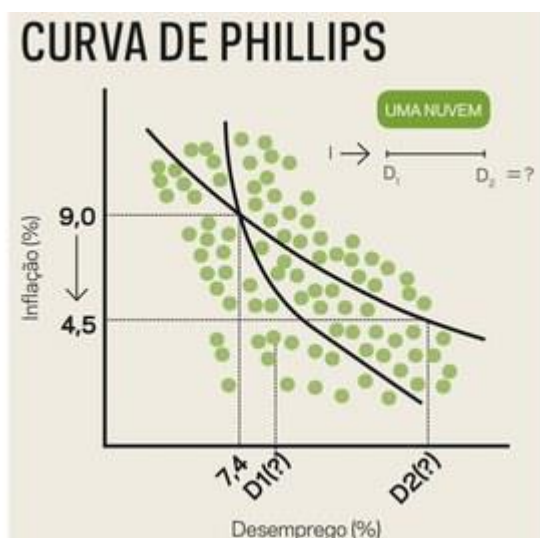
Quanto ao nível salarial em Cacia estar acima do praticado em outras fábricas da região e o aumento agora reivindicado ser superior ao do próprio grupo, Hugo Oliveira reconhece ser verdade, mas sublinha que não é a verdade toda.

"Os trabalhadores da Renault ganham acima da média, mas também é verdade que a Renault este ano triplicou os seus lucros em relação ao ano passado.

É legítimo que numa situação em que a empresa cria riqueza a distribua também pelos seus trabalhadores e existe sim uma disparidade salarial, porque ganhamos muito menos do que os colegas espanhóis e franceses", afirmou.

A inflação e os juros

14/05/2015 - Fonte: Carta Capital



A cada taxa de inflação corresponde um intervalo de taxas de desemprego, o que aumenta o risco e os custos das decisões.

Os economistas são perseguidos por um problema de solução muito difícil: tentar deduzir, do comportamento de agentes individuais estimulados a procurar seus próprios interesses, uma lei que combine e descreva a sua "soma".

Trata-se de entender como se processa a transmissão da ação microeconômica para o nível macroeconômico. Isso é possível, por exemplo, em alguns ramos da Física que estudam as relações entre o mundo microscópico e o macroscópico.

Relações como essas são o Santo Graal dos economistas que cultivam uma inveja secreta da Física. Descobertas – para alguns, elas existem por definição e ficam à espera da astúcia econométrica – “explicariam” os comportamentos macroeconômicos por seus “fundamentos” microeconômicos e abririam caminho para a manipulação da realidade pela política econômica.

Que tal, por exemplo, encontrar uma relação no nível macroeconômico entre a taxa de inflação e a taxa de desemprego de uma sociedade de milhões de cidadãos, cada um agindo no seu próprio interesse?

Pois bem. Em 1958, um arguto neozelandês (A.W. Phillips), usando dados da Inglaterra de 1861 a 1957, “descobriu” uma relação negativa entre a variação da taxa nominal dos salários e o nível de desemprego: quando este era alto, a taxa de inflação era baixa e vice-versa.

Quase imediatamente outros economistas, como Paul Samuelson e Robert Solow, com uma transformação simples, substituíram a variação nominal do salário pela taxa de inflação e encontraram a mesma relação com os dados dos EUA, “confirmando” a relação negativa. A alegria durou pouco. Artilheiros de grosso calibre, Milton Friedman e Edmond Phelps puseram em dúvida a existência da curva, agora chamada “de Phillips”.

O problema é que a dispersão das observações na Curva de Phillips não sugere uma “curva”, mas uma “nuvem” em torno de eventuais curvas “construídas” estatisticamente, como se vê na figura abaixo.

A cada taxa de inflação corresponde um intervalo de taxas de desemprego, o que aumenta o risco e os custos das decisões. Mais complicado ainda era o fato de que, quando se introduziam no modelo as “expectativas” da inflação futura, existia uma “família de curvas”, uma para cada “expectativa”.

Quando a inflação “realizada” fosse igual à “esperada”, o nível de desemprego seria a sua “taxa natural”, ou seja, o “desemprego estrutural”, uma taxa de desemprego que nem aumenta nem reduz a taxa de inflação (a Nairu = Non-Accelerating Inflation Rate of Unemployment).

Não importa a sofisticação do modelo. Reduzido à sua forma mais simples, a taxa de inflação “realizada” seria, então, igual à taxa de inflação “esperada”, corrigida por um fator que registra a diferença entre a taxa de desemprego vigente e a taxa “natural” (“estrutural” = Nairu), sob cuja estabilidade há sérias dúvidas.

Como é evidente, a taxa de desemprego “natural”, se existir, só pode ser alterada por medidas estruturais (do lado da oferta) que flexibilizem e tornem mais eficiente o mercado de trabalho, o que leva algum tempo.

Logo, a redução da taxa de inflação no curto prazo deve implicar algum aumento da taxa de desemprego. O problema é que a taxa “natural” não é observável e sua estimativa sempre será sujeita a erros, o que exige muita informação complementar e muita arte da autoridade monetária.

É preciso aceitar o fato de que, no Brasil, sem um “ajuste” fiscal crível, acompanhado de políticas salarial, cambial e propostas de reformas adequadas, a simples manipulação da taxa de juros para trazer a expectativa de inflação à meta de 4,5% num horizonte muito

mais curto do que o sugerido pelo Banco Central, poderá exigir um desemprego com custo social muito alto. (Delfim Neto)